

ANALOGIA, TEXTO E SENTIDO NO MOVIMENTO DA LÍNGUA

Edilma de Lucena Catanduba (UEPB)

edilmacatanduba@superig.com.br

Introdução

A analogia aparece nos estudos da linguagem de forma recorrente. Mas, seu lugar não tem sido de fato reconhecido pelos linguistas. No século XIX, os neogramáticos recorriam à analogia para explicar o que pensavam ser aparentes exceções às leis fonéticas. Acreditavam que no processo analógico se dá uma interferência do plano gramatical no plano fônico capaz de criar uma irregularidade que seria regularizada no mesmo processo.

Posteriormente, estudos de orientação saussuriana lançam luzes para a compreensão de que, além de um fator da evolução, a analogia é um princípio das criações da língua. Saussure (1995) considera a analogia como um aspecto do fenômeno de interpretação. Para ele, ela faz parte da atividade geral da língua na distinção de unidades que serão em seguida reutilizadas.

Neste artigo, discutimos o lugar da analogia no funcionamento do sistema da língua no percurso da produção de sentido. Para nós, o sistema funciona pelo movimento simultâneo dos eixos associativo e sintagmático e gera sentido. Nosso desafio é compreender como a analogia, este princípio de criação que supõe um modelo e sua imitação regular e perpassa os níveis fonético, morfológico, sintático e semântico da língua participa da produção de sentido no movimento da língua.

Abordaremos a analogia em textos chistosos. Para compreender o processo analógico, recorreremos ao estudo de Freud sobre os chistes. O chiste descrito por Freud é tomado neste estudo como um elemento que indica algo da ordem do inconsciente que irrompe na ordem da consciência. Nessa irrupção, é originada uma nova significação e também um novo valor. O estranhamento que a organização sintagmática do chiste causa pode nos revelar como se dá o movimento dos eixos associativo e sintagmático na produção de sentido. No chiste, há sempre um modo surpreendente de dizer, através do jogo de relações dos elementos linguísticos no movimento do sistema da língua.

1. A língua é um sistema

A definição de língua como sistema de signos torna clara a impossibilidade da separação entre signo linguístico e sistema da língua. De modo que, estudar a vida dos signos, ou o modo como eles funcionam significa estudar o modo de funcionamento do sistema da língua. Compreender como o sistema funciona é entender como a língua faz para significar no seio da vida social, ou seja, no uso cotidiano que o falante faz dessa língua. Afirmando que o funcionamento da língua que se dá através do movimento dos eixos paradigmático e sintagmático produz a significação estamos falando de um

movimento comum, cotidiano que podemos constatar através do chiste e dos processos analógicos presentes em alguns deles.

Para saber quais as regras que conduzem os usos, é necessário posicionar-se sob o ponto de vista do locutor (que usa a língua cotidianamente mesmo sem saber explicar suas regras). As regras da língua que para Saussure são de ordem morfológica, sintática e lexical estão à disposição do falante que delas faz uso sem que ele tenha consciência das mesmas. Elas formam um conjunto virtualmente depositado em cada cérebro. Ou seja, esse conjunto de formas realizáveis constitui o sistema da língua. O sistema da língua põe em movimento esse “tesouro lexical” situado no eixo associativo.

2. O arbitrário do signo e o valor linguístico

O que são os elementos linguísticos que compõem o sistema? Quais as unidades do sistema linguístico? Segundo Saussure, as unidades do sistema linguístico, as quais ele denomina signos são formadas pela união de dois termos ou pelo vínculo de associação de dois termos, um conceito e uma imagem acústica (imagem sensorial do som), ambos de caráter psíquico. Em termos saussurianos, uma sequência de som, quando tomada em si mesma é apenas matéria de estudo fisiológico. Somente quando é suporte de uma ideia torna-se unidade linguística. Quanto ao conceito, separado do significante pertence ao campo da Psicologia, porém, na associação com uma imagem acústica o conceito passa a constituir uma unidade linguística.

Os termos imagem acústica e conceito são posteriormente substituídos por significante e significado respectivamente. O signo linguístico assim elaborado pela união de significado e significante é a unidade do sistema da língua. A inter-relação dos signos, uns com os outros e a inter-relação de significado e significante no interior do signo colocam o sistema da língua em movimento e este produz sentido.

O funcionamento do sistema da língua só é possível porque os signos que compõem esse sistema são arbitrários. Pela via do arbitrário do signo torna-se possível a Saussure pensar a teoria do valor linguístico. Independente da ordem das coisas, o signo pode ser compreendido na relação que mantêm com outros signos. Eles não existem a priori, têm sua significação submetida às relações imanentes do sistema, ou seja, a significação do signo é produzida no movimento simultâneo dos eixos associativo e sintagmático que o sujeito põe em funcionamento.

A noção de arbitrário em Saussure refere-se à relação entre significado e significante e neste caso trata-se de um arbitrário interno do signo. Mas refere-se também ao corte realizado por um signo na massa amorfa e neste caso trata-se do arbitrário sistêmico do signo. Assim podemos compreender que na língua tudo é arbitrário “[...] tanto a ligação se/so que define o signo e que, para um mesmo objeto do mundo produz *boeuf* em francês e *ox* em inglês, quanto as relações entre os signos com as quais se constitui um enunciado”. (NORMAND, 2009a, p. 65).

A significação existe no momento em que significado e significante unem-se, mas a relação dos signos com outros signos no sintagma torna possível e necessária a combinação do mesmo significante a outro significado por exemplo. Deste modo, a produção de sentidos no movimento da língua ou no sistema linguístico só é possível porque os signos que compõem o sistema são arbitrários. Comparando a língua em movimento com um jogo de xadrez pontuamos que, em cada posição de jogo, em cada estado de língua, ou em cada sincronia, são estabelecidos valores para os termos de

acordo com a sua posição no jogo e em oposição a todos os outros termos. Assim, compreende-se que os valores emanam do sistema. Isto se aplica não só as palavras, mas se estende às entidades gramaticais e ao som, enfim, a qualquer termo da língua. Não há formas que existam por si mesmas, fora de seu emprego, ou ideias que existam fora de sua representação. Os termos são destituídos de significação a priori uma vez que os valores são definidos negativamente nas relações com os outros termos do sistema.

3. Relações associativas e sintagmáticas: movimento simultâneo de significação

A inteligibilidade do funcionamento interno da língua — compreendida como sistema cujo pilar de sustentação é a arbitrariedade do signo, a partir da qual pode-se pensar esse sistema como sistema de valores que produzem sentido ou significação — se dá por dois tipos de relações, as de contiguidade (sintagmáticas, lineares), e as relações *in absentia*, ou associativas.

As relações sintagmáticas e associativas “correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua”. (SAUSSURE – CLG [1916] 1995, p. 142). A coordenação sintagmática corresponde ao agrupamento em *praesentia*, no qual se estabelece uma oposição espaço/temporal de modo que dois elementos não são pronunciados ao mesmo tempo. As unidades consecutivas do sintagma adquirem valor exatamente porque se opõem ao que está posto antes e depois de cada uma delas.

A combinação de no mínimo dois termos marca o início do sintagma conforme definido por Saussure. Os limites dessa combinação que não parece terem sido precisados conforme o aponta Arrivé (1999). A possibilidade de poder estender a noção de sintagma para além dos limites da frase tem consequências para a compreensão da produção da significação dos chistes, na medida em que os chistes relacionam-se às unidades maiores com as quais formam unidades textuais. Assim, nós compreendemos os chistes como textos curtos. Em outras palavras, pensamos que o que vem antes e depois de uma determinada expressão lhe confere valor de chiste e forma com a expressão chistosa uma unidade textual, uma construção linguística que extrapola os limites da frase.

Quanto à coordenação associativa ou agrupamento *in absentia*, neste tipo de coordenação as relações se dão fora do discurso, na memória, onde são formados grupos a partir de relações diversas de semelhança. As associações pertencem ao tesouro interior da língua de cada indivíduo de modo que o falante sabe que a oposição entre palavras como *olhar* e *ver* é de natureza diferente da oposição entre *olho* e *olhava* por exemplo. O falante naturalmente não as considera no mesmo plano, assim como reconhece que uma série associativa *ensinamento, ensinar, ensinemos* não é da mesma natureza que a série *ensinamento, aprendizagem, educação*.

Para Saussure (1995, p. 145), em uma série associativa como “*enseignement, enseigner, enseignons* etc. (ensino, ensinar, ensinemos)”, há um elemento comum a todos os termos, o radical;”. Mas, como mostra o CLG (1995), uma palavra como *ensino* pode vir a fazer parte de uma série associativa com *ensinamento, armamento,*

desfiguramento, tomando-se como elemento comum o sufixo. E pode ainda formar uma outra série com *ensino*, *instrução*, *aprendizagem*, *educação*, na qual a associação é feita por analogia.

4. A analogia no movimento da língua

Em relação às séries associativas nas quais as associações são feitas por analogia, pensamos que elas, assim como os chistes, também podem nos apontar o movimento natural da língua do qual resulta a produção de sentido. Consideramos que este movimento só é perceptível por uma falha e que os chistes pelas falhas que os constituem podem nos revelar este movimento. Quando há falhas no fato analógico, elas assim como os chistes nos revelam o movimento natural da língua.

A concepção saussuriana de analogia é diferente da concepção dos estudiosos que a compreendiam como uma criação irregular e errônea em comparação com outra forma considerada ideal. Difere também do que acreditavam os neogramáticos para os quais a analogia é responsável pela passagem de um estado de organização da língua para outro. Saussure situa a analogia na ordem dos fenômenos psicológicos. Para ele, no processo analógico está implicada uma relação que une as formas entre si de modo que a analogia deve ser tratada no campo gramatical.

Na criação analógica ocorrem análise e reconstrução de elementos da língua. Ou seja, a análise, realizada através de processos como correlação, comparação antecede a reconstrução, servindo-lhe de base. Isto nos remete para o eixo associativo, e permite compreender que esse seja o lugar onde essa análise ocorre de modo inconsciente e que a palavra “nova” existe em potencial na língua. O reaparecimento de determinados prefixos (por exemplo) em combinações novas, não previstas em dicionário revela que eles são unidades vivas e sendo assim podem se materializar. Ou seja, se os sujeitos falantes percebem essas unidades vivas, isto significa que elas existem ou existiram em determinado momento como unidades significativas, estabelecidas pelo valor linguístico.

Por essa ótica podemos entender como analógicas criações das crianças como *eu fazi*. Nesta construção, evidencia-se o uso analógico da flexão gramatical de verbos regulares como *comer (eu comi)*, *dormir (eu dormi)* em um verbo irregular como *fazer (eu fazi)*. A construção *fazi* elaborada pela criança provoca um estranhamento que, rompendo o curso “normal” da flexão revela como se dá o funcionamento das relações no sistema. Em outras palavras, a falha no esquema regular, ou no sistema aponta como as formas se organizam nesse sistema. Mostra que os esquemas regulares fazem parte do quadro de conhecimentos implícitos dos usuários da língua que lhes permitem escolher e combinar formas simultaneamente. Assim, o funcionamento ordinário da língua é revelado pela analogia à medida que funciona no sentido do restabelecimento de uma regularidade cuja ordem foi perturbada.

O fato analógico implica uma combinação simultânea que é a mesma que ocorre no uso corrente das formas. Assim, nas criações analógicas o locutor utiliza esquemas regulares cujo conhecimento lhe é implícito. Ele joga ao mesmo tempo com o tesouro da língua e com um sistema gramatical. Isto justifica a afirmação de Saussure de que a

analogia é um fato gramatical. Em outros termos, o uso de uma palavra supõe dois movimentos, a exclusão de outras pelas quais poderia ser substituída e simultaneamente um movimento de combinação desta com outras. Este é para Saussure, o funcionamento da língua que torna possível entendê-la como um sistema de relações. Uma relação analógica estranha como *fazi* torna visível esse funcionamento corrente da língua no qual a significação é elaborada. O aspecto “anormal” do funcionamento de algo, nesse caso a língua, evidenciado pela construção analógica, serve para esclarecer o “normal”.

Para apreender o sentido que se produz no movimento simultâneo dos dois eixos, é necessário considerar os valores correspondentes a cada um dos eixos, o valor *in absentia* e o valor *in praesentia*. A operação exige verificar nos dados “tidos como observáveis” (no sintagma) a intervenção dos elementos ausentes (da cadeia associativa) de forma simultânea. A analogia por sua vez, nos permite “tocar” nesse mecanismo linguístico, pois, a criação é precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua.

Não é somente na fala que o processo de criação se dá, os elementos da criação, em potencial, já existem na língua. A analogia evidencia a irrupção de algo dessa cadeia associativa no sintagma quando ela não segue o previsível. É o inesperado na analogia — enquanto fenômeno gramatical e sincrônico — que é capaz de tornar visível a inter-relação dos dois eixos.

A ordem discursiva do eixo da linearidade do significante ou eixo das escolhas do locutor, ou seja do eixo sintagmático é o ponto de partida para a apreensão do sentido. Mas, o eixo das relações paradigmáticas ou eixo das relações associativas precisa ser considerado. A ordem de combinação dos termos não é a da “livre escolha do locutor”. Este não pode trocar a ordem dos termos em um sintagma apenas de acordo com sua vontade. O que pode parecer livre obedece, na verdade, à ordem de criação da língua na qual está implicado o movimento dos eixos associativo e sintagmático. De certo é o sujeito falante quem faz escolhas. E nós compreendemos essas escolhas como a possibilidade de movimentar dois eixos e neste movimento produzir valores. Ou seja, há um jogo de valores em movimento produzindo sentidos.

A teorização saussuriana sobre o funcionamento do sistema da língua consiste no jogo espontâneo que os locutores realizam com as relações, ou seja, com os eixos associativo e sintagmático. Este é para Saussure o movimento natural da língua. Pensamos que este movimento se torna perceptível quando ocorre uma falha como é o caso do chiste. Algumas das técnicas de chistes estudadas por Freud deixam clara essa falha. O estranhamento causado por ela é gerador de sentido no enunciado chistoso. Assim, tomamos o chiste como forma de mostrar o funcionamento normal da língua através desse “anormal” do enunciado chistoso.

No movimento dos eixos, há escolhas e combinações de unidades, valores são evidenciados de modo que sintaxe e semântica não se separam. Assim, a língua só se deixa ver parcialmente, pois as possibilidades de relações associativas são inúmeras, a apreensão de uma evidenciará sempre a potencialidade da existência de outras. Para Normand (2009a) elas representam uma parte da significação que não será de todo percebida quando da consideração dos valores.

5. Analogias e chistes

O modo especial de organização linguística das produções chistosas confirma a necessidade de observar o que há em torno de uma palavra na esfera sintagmática e o que está fora dela na esfera associativa para que se possa apreender a significação. Para a nossa discussão sobre a significação nos chistes, interessa-nos o mecanismo linguístico encontrado para que os propósitos dos chistes ganhem expressão. Ou seja, interessa-nos observar como o jogo das oposições próprio da língua participa da elaboração do chiste para que seja possível dizer algo que não poderia vir à tona, mas consegue expressão “sub-reptícia” através de uma forma linguística chistosa que “diz nada dizendo”.

Inicialmente, Freud separa os chistes em dois grandes grupos: os verbais e os conceituais. O grupo dos chistes conceituais subdivide-se em três: o dos chistes conceituais com raciocínio falho, o dos chistes conceituais com unificação e o dos chistes com representação indireta. No grupo dos chistes conceituais com raciocínio falho destaca o raciocínio falho automático e no grupo dos chistes com representação indireta distingue quatro subtipos: representação indireta pelo oposto; por similaridade; por alusão e por analogia.

Neste estudo nos interessa mais de perto os chistes cuja técnica centra-se no uso da representação indireta por analogia. Vejamos um exemplo apresentado por Freud (1996, p. 84) e por ele considerado uma analogia chistosa:

‘É quase impossível atravessar uma multidão portando a tocha da verdade sem chauscar a barba de alguém.’

No chiste acima citado, que foi coletado por Freud dos escritos de Lichtenberg (segundo volume da edição (Gottingen de 1853), a expressão “a tocha da verdade” já está reduzida a um clichê. Mas, para Freud, Lichtenberg resgata sua força original fazendo um acréscimo à analogia inferindo-lhe uma consequência.

Para nós, a analogia implica escolhas de elementos no eixo associativo. Estes elementos podem ter seu sentido cristalizado como ocorre com uma expressão como “tocha da verdade”. Estas expressões são combinadas no eixo sintagmático tornando possíveis elaborações como chauscar as barbas de alguém. Se a verdade não tivesse sido antes comparada a uma tocha, não seria possível dizer que ela pode chauscar as barbas de alguém. Ou seja, a expressão tocha da verdade é tomada como unidade de sentido a partir da qual outra analogia pode ser construída. Assim, a série associativa que esta expressão, presente no sintagma, movimenta interfere na produção de sentido.

Lembremos que, para Saussure, a analogia tem um caráter psicológico. Enquanto fato de consciência de âmbito bem maior das representações humanas e mais geral que as representações linguísticas, ela não depende totalmente da formalização linguística. Mas é também um fato gramatical que participa da análise e reconstrução da língua. O processo de comparação que antecede a reconstrução é um aspecto da analogia que revela o movimento do eixo associativo. Esse movimento sofre interferência do sintagma e ao mesmo tempo nele interfere. Nesse duplo movimento é produzido um novo sentido. Nesta perspectiva é que podemos pensar a analogia entre um homem e um candelabro que aparece no chiste de Lichtenberg citado por Freud (1996, p. 85):

‘Pode-se estar certo, aquele homem não foi um grande luminar [*Licht*], mas um grande candelabro [*Leuchter*] ... Era um professor de Filosofia.’

Para Freud, definir um homem sábio como um luminar tornou-se tão comum que deixou de ser uma analogia efetiva. Mas, nesta expressão a analogia foi renovada pela modificação da qual se produz uma segunda analogia. Assim como no exemplo da tocha da verdade, o chiste se constrói no modo como a nova analogia se constitui. No exemplo seguinte, também proposto por Freud (1996, p. 85) evidencia-se outra situação.

‘As recensões parecem-me uma espécie de doença infantil à qual os livros recém-nascidos são mais ou menos suscetíveis. Há exemplos de morte dos mais saudáveis, enquanto os mais fracos freqüentemente lhes escapam. Alguns lhes escapam inteiramente. Tem-se tentado resguardá-los delas através de amuletos como o prefácio e dedicatória ou mesmo de vacinas como a autocrítica do autor. Mas isso nem sempre ajuda.’

A analogia entre recensões e doença infantil é possível, porque crianças e livros estão expostos a elas, as crianças quando nascem e os livros assim que são publicados. Isso não caracteriza um chiste. A prolongação da analogia é que mais chama a atenção de Freud como algo de natureza chistosa para a qual concorre a unificação.

O próximo exemplo faz Freud pensar na existência de um grupo de chistes nos quais a analogia apresenta uma justaposição aparentemente absurda:

‘É pena que não se possa enxergar as instruídas vísceras dos autores de modo a descobrir o que eles comeram.’

Nos termos freudianos, atribuir instrução às vísceras é um absurdo. Tal atribuição só é possível por analogia com algo do tipo biblioteca, onde estariam os livros que os sábios não teriam comido, teriam lido. O caráter desconcertante da justaposição leva a compreender esse chiste no âmbito da representação pelo absurdo.

Analogias combinadas com absurdos aparecem em outros chistes de Lichtenberg. Vejamos outro desses chistes citados por Freud (1996, p. 86):

‘Todo mundo tem seu *backside* moral, que não expõe exceto em caso de necessidade e que cobre, enquanto possível, com os calções da respeitabilidade.’

Para Freud, a combinação de *backside*, que pode significar traseiro, com moral resulta de uma analogia. Esta tem continuidade com o acréscimo da palavra ‘necessidade’ e a justaposição de ‘os calções da respeitabilidade’. Na transformação de calções em calções da respeitabilidade se produz um chiste.

Vejamos outro exemplo também citado por Freud (1996, p. 87):

Weinberl, o caixeiro na farsa de Nestroy, *Einen Jux Will er sich machen* [Ele quer tomar um porre], descreve a si mesmo como haveria de recordar os dias de sua juventude quando fosse um respeitável homem de negócios: ‘Quando o gelo frente ao armazém da memória tiver sido quebrado a picaretas, como nessa conversa cordial’, diz ele, ‘quando o arqueado portal dos velhos tempos tiver sido de novo

destrancado e a vitrine da imaginação estiver inteiramente sortida pelos bens do passado...’.

Na perspectiva freudiana, neste exemplo, as analogias também relacionam coisas abstratas com coisas concretas. E o chiste torna-se possível porque as analogias pertencem ao domínio das atividades cotidianas do caixeiro, de modo que, a conexão entre abstrações e as coisas do cotidiano se dá através de uma unificação. Assim, a partir das análises dos chistes Freud conclui que a mesclagem da analogia com quaisquer das técnicas do chiste faz com que a analogia pareça um chiste. Ela tem um papel importante na elaboração dos chistes. Pode receber acréscimos, passar por modificação, renovação, podendo dar origem a outra analogia cujo modo de processamento é o que determina o chiste.

Freud constata que mesclando-se com outras técnicas, a analogia compõe o chiste, mas acredita que em algumas situações pode ela mesma ser um chiste como ocorre no chiste de Lichtenberg sobre a filosofia. Vejamos mais este chiste citado por Freud (1996, p. 88):

Eis como Lichtenberg descreve certas odes:

‘São em poesia o que os imortais trabalhos de Jacob Böhme são em prosa — uma espécie de piquenique, onde o autor fornece as palavras e o leitor o sentido.’

‘Quando filosofa, normalmente projeta sobre as coisas um agradável luar que geralmente deleita mas não mostra coisa alguma claramente.’

Há um outro exemplo que também nos chama muito atenção. Trata-se de uma extensa analogia no ‘Bäder von Lucca’ [Reisebilder III] citada por Freud (1996, p. 88):

‘Um clérigo católico comporta-se tal como um caixeiro que tem um posto em uma grande casa de comércio. A igreja, a grande firma, da qual o Papa é o chefe, dá-lhe um emprego fixo e em paga, um salário fixo. Ele trabalha preguiçosamente, como alguém que não trabalha para lucro próprio, que tem numerosos colegas e pode facilmente escapar de ser observado no tumulto de uma grande firma. Tudo que lhe importa é o crédito da casa e ainda mais sua preservação, pois que se ela for à bancarrota, ele perderá seu ganha-pão. Um clérigo protestante, por outro lado, é em qualquer caso seu próprio chefe e empreende o negócio da religião para seu próprio lucro. Ele não negocia por atacado, como o católico, seu colega comerciante, mas apenas a retalho. E já que ele próprio se encarrega de tudo, não se permite ser preguiçoso. Deve anunciar seus artigos de fé, depreciar os artigos do competidor e, como genuíno retalhista, deve manter-se em sua venda a retalho, cheio de inveja comercial de todas as grandes casas, em particular da grande casa de Roma, que paga os salários de tantos milhares de guarda-livros e empacotadores, e tem suas fábricas nos quatro cantos do globo.’

A análise destes últimos chistes permitem a Freud afirmar que, de fato, a analogia pode ser ela própria um chiste. Entretanto, para ele o caráter chistoso da analogia deve-se a uma complicação desta com outras técnicas do chiste. Tomar a

analogia como forma de expressão do pensamento ou como comparação não é bastante para definir o caráter chistoso da analogia. Assim, ele propõe a inclusão da analogia entre as espécies de representações indiretas constantes entre as técnicas dos chistes, e reconhece que há analogias que podem ser situadas no quadro de outras técnicas dos chistes, não apenas no âmbito da representação indireta.

Conclusão

A maneira como o sentido nos chistes é produzido nos permite demonstrar que a língua significa através do movimento simultâneo dos eixos associativo e sintagmático. Ou seja, o chiste torna possível mostrar a existência de um movimento que se faz de forma natural e, portanto, não perceptível a não ser pela falha deste evidenciada no chiste. Os processos analógicos presentes nos chistes nos apontam que a analogia participa do movimento natural da língua na produção de sentido. A falha analógica que pode conferir ao texto um caráter chistoso, serve para evidenciar que na produção de sentido está implicada a adesão de cadeias de analogias, resgatadas e recriadas no funcionamento do sistema da língua em sua complexa tarefa de produção de sentidos. As analogias passam por uma espécie de atualização para que um novo sentido possa surgir.

Ao considerarmos os chistes como textos, neste estudo, colocamos em discussão a possibilidade de uma abordagem textual eficaz no sentido de apreender o sentido no pleno funcionamento do sistema linguístico uma vez que a mobilidade dos sentidos produzidos no jogo com as palavras no movimento dos eixos associativo e sintagmático se evidenciam no texto. As partes de um texto dialogam entre si, promovem um movimento de transformações internas, próprias do movimento do sistema da língua, que convergem para a construção de sentido e conferem ao texto caráter dinâmico. Para nós, o texto é dinâmico, como o afirma Lopes (1997, p. 36): “[...] uma estrutura em perpétua mutação, uma totalidade estruturada que continua sendo, ao mesmo tempo, estruturante — em perpétuo devir, em incessante processo de transformação.” E no tocante à analogia, consideramos que, os processos analógicos não apenas participam desse movimento de transformação, mas, os processos analógicos, são eles próprios constitutivos desse incessante movimento de produção de sentido no sistema da língua.

Referências bibliográficas

ARRIVÉ, Michel. **Linguagem e Psicanálise, lingüística e inconsciente**: Freud, Saussure, Pichon, Lacan. Tradução: Lucy Magalhães; revisão técnica, Waldir Bevidas, Ivã Carlos Lopes. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. Obras psicológicas completas de Freud: edição standard brasileira com comentários e notas de James Strachey: em colaboração com Anna Freud: assistido por Alix Strachey e Alan Tyson;

traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LOPES, Edward. **A identidade e a Diferença**: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo, 1997.

NORMAND, Claudine a. **Saussure**. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. – São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184p. – (Figuras do saber: 23)

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. bras. Antônio Chelini et al. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

